

UMA ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO SÓCIO-AFETIVO NO AMBIENTE ESCOLAR: a importância da relação professor-aluno.

Polyanna Ramos Cândido de Araújo – UEPB

polyannarc@gmail.com

Andreza Sanny Mendes de Aguiar - UEPB

andrezasanny@yahoo.com.br

RESUMO

Não podemos deixar de pensar que o emocional interfere no aprendizado. A afetividade é atribuída como uma condição inevitável na construção da inteligência e o afeto faz parte de todo o processo educativo e deve ser visto como parte inseparável da aprendizagem. No presente artigo, temos como objetivo analisar a importância dos aspectos socioafetivos para o desenvolvimento e o processo ensino-aprendizagem, com foco na importância da afetividade como recurso motivacional para a relação professor-aluno. Baseada nas teorias de PIAGET, VYGOTSKY, WALLON e FREIRE, foi realizada uma pesquisa de natureza bibliográfica; e a seleção dos artigos se deteve à abrangência do tema proposto. Diante da necessidade de entender se o comportamento intelectual é motivado pelas implicações afetivas e se o fortalecimento das relações afetivas entre professor e aluno contribui para o melhor rendimento escolar, através dos estudos, conclui-se que aos educadores é direcionada uma enorme responsabilidade frente aos seus alunos, tanto como professores, quanto como pessoas que exercem uma grande influência na vida escolar dos mesmos. Pois a aprendizagem se dá através de interações mútuas e dinâmicas, nas quais alunos e professores estabelecem relações afetivas que solidificam o desenvolvimento significativo de habilidades cognitivas e sócio-afetivas.

PALAVRAS-CHAVES: Afetividade; Cognitivo; Aprendizagem.

ABSTRACT

We can not help thinking that the emotional interferes with learning. The affection is assigned as an inevitable condition in building intelligence and affection is part of the whole educational process and should be seen as an inseparable part of learning. In this article, we aim to analyze the importance of social-affective aspects of the development and the teaching-learning process, focusing on the importance of affectivity as a motivational resource for the teacher-student relationship. Based on the theories of Piaget, Vygotsky, and Freire WALLON, a survey was conducted of bibliographic nature; and a selection of articles stopped the breadth of the subject. Faced with the need to understand the intellectual behavior is motivated by the affective implications and strengthening personal relationships between teacher and student contributes to better school performance across studies, it is concluded that educators is a huge responsibility directed against its students, both as teachers and as people who have a huge influence on the school life of their children. Because learning occurs

through mutual and dynamic interactions in which students and teachers establish personal relationships that solidify the significant development of cognitive and socio-emotional skills.

KEY WORDS: Affection; cognitive; Learning.

INTRODUÇÃO

O presente estudo teve por objetivo analisar a importância dos aspectos socioafetivos para o desenvolvimento e o processo ensino-aprendizagem, com foco na importância da afetividade como recurso motivacional para a relação professor-aluno.

As relações entre o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da criança têm sido bastante discutidos em diferentes perspectivas teóricas, de modo que os estudos têm demonstrado que afetividade e inteligência caminham juntas no processo de construção da personalidade da criança, são aspectos indissociáveis, intimamente ligados e influenciados pela socialização. Consequentemente, essa relação tem influências sobre a aprendizagem escolar.

Dessa forma, questiona-se: o comportamento intelectual é motivado pelas implicações afetivas? A afetividade é pressuposto básico para a construção dos conhecimentos cognitivos e afetivos? O fortalecimento das relações afetivas entre professor e aluno contribui para o melhor rendimento escolar? Uma prática docente permeada pela afetividade ou pela ausência da mesma contribui ou pode chegar a inibir as estruturas cognitivas dos alunos? Os problemas afetivos são fatores prejudiciais no processo de construção do conhecimento?

É preciso repensar a prática educacional e estar atento às relações existentes no âmbito escolar, pensar como empregar de maneira mais produtiva toda a complexidade do homem sócio-afetivo e cultural. O educador deve ter um olhar especial para com educando, pois os educandos constituem a razão pelo que recebemos o nome de educadores, e é para eles que trabalharemos dedicaremos tempo, faremos esforços e boa parte de nossa vida.

Esperamos contribuir assim, para aqueles que visem uma mudança em suas atitudes pretendendo facilitar o processo de aquisição do conhecimento do aluno e de si mesmo, pois é essencial uma tomada de consciência por parte do professor em possibilitar uma prática docente que seja significativa e prazerosa para os educandos, visto que essa prática norteará a conduta dos alunos em sua vida escolar.

A afetividade

Enquanto indivíduos, somos seres que geneticamente nos desenvolvemos no espaço social e cultural, sobretudo de forma afetiva, somos dotados de interesses e desejos próprios, aprendemos a transferir as nossas motivações para outros objetos e situações, ao mesmo tempo em que condicionamos, afetivamente, nossas relações vivenciais.

O nosso desenvolvimento psicológico acontece durante toda nossa vida, mas é na infância que as principais aquisições referentes à organização da nossa personalidade são consolidadas. Através das figuras significativas para a formação da nossa auto percepção, construímos nosso autoconceito ao longo de toda a infância, influenciados pelas pessoas e os ambientes que convivemos, como a família, a escola, assim como as experiências que vamos tendo de sucesso e fracasso durante o processo de desenvolvimento.

O processo contínuo e construtivo de socialização do sujeito se dá também, em primeira instância, no máximo de interações sócio-afetivas interdependentes, deste com o outro e com o meio – fator característico da primeira infância – na busca pela satisfação orgânica e psicológica, seguindo progressivamente em direção ao limite da individualidade e, conseqüentemente, da autonomia. Desse modo, a manifesta correspondência entre os aspectos afetivo e cognitivo, no tocante às respectivas evoluções, compete tornar explícito o papel da afetividade nos períodos do transcurso do desenvolvimento humano. (PIAGET *apud* COSTA; SOUZA, 2012, p. 5).

O início da vida escolar tem uma importância significativa para o desenvolvimento da criança, pois é neste momento que ela estreita vínculos afetivos com pares e com o professor, sendo este uma figura muito valiosa em sua vida. A relação afetiva estabelecida entre crianças e professores é fundamental para que elas possam enfrentar com maior motivação as situações de aprendizagem. A criança que tiver uma percepção positiva dos seus atributos cognitivos e pessoais terá maiores chances de aprender os conteúdos escolares e obter sucesso.

De acordo o dicionário Bueno (2000, p.33) entende-se por afetividade, qualidade do que é afetivo; afeição; carinho. Segundo Freire (1997, p. 170) a afetividade é o território dos sentimentos, das paixões, das emoções, por onde transitam os medos, sofrimentos, interesses, alegrias.

A afetividade e inteligência são aspectos indissociáveis, intimamente ligados e influenciados pela socialização. Nesse sentido, tanto Henry Wallon quanto Lev Vygotsky e Jean Piaget consolidam o entendimento sobre os aspectos socioafetivos para a cognição. Deste modo,

Piaget, Vygotsky e Wallon – ao implementarem investigações acerca do desenvolvimento psicológico humano acabam por identificar na afetividade o seu caráter social, amplamente dinâmico e construtor da personalidade humana, além de estabelecer o elo de ligação entre o indivíduo e a busca do saber (por meio das interações sociais), convergindo os três para o postulado de que, embora considerada sob diversas matizes, à afetividade cabe a função de desencadeadora do agir e do pensar humanos, isto é, para a efetivação do desenvolvimento sócio-cognitivo. (COSTA; SOUZA, 2012, p.12).

No pensamento piagetiano, no que se refere ao estudo do desenvolvimento cognitivo, o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência, onde a afetividade está no âmbito das interações sociais e é definida como todos os movimentos da razão, sendo uma importante energia para o desenvolvimento cognitivo. A afetividade é atribuída como uma condição inevitável na construção da inteligência, mas também não é suficiente. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam formulados e não haveria inteligência.

O desenvolvimento cognitivo, afetivo e social encontram-se tão imbricados um ao outro, a ponto de a simples mudança circunstancial em um dos aspectos ocasionar a transformação nos demais, positiva ou negativamente, dependendo dos seus elementos constituintes. Enfim, considerando que “esses dois aspectos são ao mesmo tempo, irreduzíveis, indissociáveis e complementares, não é, portanto, muito para admirar que se encontre um notável paralelismo entre suas respectivas evoluções”. (PIAGET *apud* INHELDER, 1990, p.24).

Já na psicologia de Vygotsky, o funcionamento psicológico está fundamentado nas relações sociais que o indivíduo estabelece com o mundo exterior, as quais se desenvolvem num processo histórico. O sócio-histórico se representa como processo em que todo o mundo cultural expõe-se ao sujeito como "o outro", onde o indivíduo percebe e interpreta o papel das influências exteriores para o desencadear interno de suas reações emocionais, o que o torna apto a compreendê-las e posteriormente dominá-las.

As emoções, tidas como integrantes de nossas funções mentais superiores, são antes produto da inserção humana num dado contexto sócio-histórico, o pensamento tem sua origem no campo da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Vygotsky evidencia a necessidade das conexões entre as extensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico humano.

Vygotsky sugere uma aparente anterioridade da ação – ou seja, da experiência direta, onde se encontra o fluxo desenfreado de nossos anseios, necessidades, etc. – ao pensamento generalizante - função psicológica superior que ordena as representações mentais, dadas culturalmente, do mundo real -, que se desfaz ao advertir sobre a existência do processo inverso; ou seja, vê o afetivo como força volitiva para o cognitivo, e este como regulador do primeiro. (COSTA; SOUZA, 2012, p. 8)

Finalmente, na concepção walloniana, a dimensão afetiva vem como ponto extremamente importante em sua teoria psicogenética. Wallon mostra que a afetividade é uma fase do desenvolvimento, e início da vida, o afeto e a inteligência estão sincreticamente misturadas, com predomínio da primeira. A afetividade é considerada um instrumento de sobrevivência

A afetividade compete a transição entre o estado orgânico do ser e sua etapa cognitiva, racional; “suprindo a insuficiência da articulação cognitiva nos primórdios da história do ser e da espécie.” Nesse sentido, a afetividade, que corresponde à primeira manifestação do psiquismo, propulsiona o desenvolvimento cognitivo ao instaurar vínculos imediatos com o meio social, abstraindo deste, o seu universo simbólico, culturalmente elaborado e historicamente acumulado pela humanidade. Por conseguinte, os instrumentos mediante os quais se desenvolverá o aprimoramento intelectual são, irremediavelmente, garantidos por estes vínculos, estabelecidos pela consciência afetiva. (COSTA; SOUZA, 2012, p.11).

Nessa interpretação, a afetividade esclarece a aceleração ou retardamento, mas não a origem da formação da estrutura. Embora seja uma condição necessária, a afetividade não é suficiente, como já vimos, na formação da estrutura. Considerando primeiro que a afetividade antecede as funções das estruturas cognitivas, podemos compreender que os estágios da afetividade correspondem detalhadamente aos estágios de desenvolvimento das estruturas.

A relação professor-aluno e a afetividade no processo de ensino-aprendizagem

Através dos estudos na área educacional, percebemos a intensificação dos olhares para as relações entre professor-aluno, os aspectos afetivos emocionais, a dinâmica das manifestações da sala de aula e procedimentos pedagógicos caracterizados como pressupostos básicos para o processo da construção do conhecimento e da aprendizagem.

Ao olharmos para o papel do professor hoje, podemos perceber a necessidade de práticas educativas que contemplem vocação, competência e aptidões para possibilitar o desenvolvimento cognitivo de seus alunos. Aos educadores é direcionada uma enorme responsabilidade frente aos seus alunos, tanto como professores, quanto como pessoas que exercem uma grande influência na vida escolar dos mesmos.

Como educadores, muitas vezes estamos preocupados apenas com aquilo que se torna uma prática constante e que por falta de uma reflexão à respeito desses procedimentos, passamos a definir e limitar as nossas metodologias, buscando apenas concluir conteúdos obrigatórios e estabelecer avaliações. Podemos assim pontuar que,

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 1987, p. 57).

Se formos responsáveis no desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem, devemos manter o nosso olhar fixo na busca em estarmos preparados para desenvolver habilidades e valores que vão muito além da prática.

A escola é um ambiente facilitador de bons relacionamentos e conseqüentemente promotora do sucesso de aprendizagem. Uma boa interação no âmbito escolar depende justamente desses dois componentes (professor e aluno), pois eles definirão se o ambiente irá influenciar o processo de ensino-aprendizagem, assim como as vivências pessoais que se constituirão nas bases da identidade pessoal dessa criança que está em formação.

Sabemos que toda criança desde o início de seu desenvolvimento, sofre influência do meio onde está inserida, e em sala de aula existe uma intenção previa de organizar situações que propiciem ao aprimoramento dos processos de pensamentos e da própria capacidade de aprender. Se existe o grande desafio ao docente no que diz respeito ao seu encargo com os elementos imprescindíveis envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, percebemos a necessidade de uma análise a respeito da faceta de ensinar de duas formas “o que se ensinar” e “de que maneira se ensinar”, pois só a partir desse olhar, é que as práticas educativas serão mais coerentes e precisas para o desenvolvimento dos seus alunos.

Ao professor cabe o papel de estabelecer uma mediação entre o aluno e o conhecimento de maneira atuante e prazerosa, se comprometendo em desvincular-se de procedimentos pedagógicos que contemplem apenas o depósito de conhecimento ao mesmo, desconsiderando os aspectos afetivos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindia da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. (FREIRE, 1996, p. 90)

É importante salientar que afetividade não é apenas demonstração de afeto, carinho e que se faz necessário compromisso e ética profissional, além dessa reciprocidade, que haja uma prática pedagógica pautada no respeito, na autoridade humana, e no estabelecimento de limites, de modo que o professor contribua com o desenvolvimento e fortalecimento do *eu* do educando, para que ele desenvolva autoestima, confiança, respeito em si e ao outro.

A aprendizagem se dá através de interações mútuas e dinâmicas nas quais alunos e professores estabelecem relações afetivas que solidificam o desenvolvimento significativo de habilidades cognitivas e sócio-afetivas. Uma prática educativa que engloba diferentes variáveis no processo de ensino-aprendizagem, que é voltada para as necessidades dos educandos e propicia as trocas sócio-afetivas, requer do educador uma postura importantíssima diante das realidades encontradas em sala de aula, onde somente a partir da reflexão que ele proporcionará aos seus educandos uma educação mais humanizadora no ambiente escolar. Desta forma, podemos afirmar que:

Caso não seja estabelecida uma relação afetiva entre professor e aluno, é ilusão acreditar que o ato de educar tenha sucesso completo. Ou seja, pode até haver algum tipo de fixação de conteúdo, mas não será uma aprendizagem significativa, nada que prepare esse indivíduo para uma vida futura deixando, lacunas no processo de ensino-aprendizagem. (SOBRAL, 2012, p. 5).

É notório que o afeto faz parte de todo o processo educativo e deve ser visto como parte inseparável da aprendizagem. Estão interligados, não há como separar, não podemos deixar de pensar que o emocional interfere no aprendizado. Podemos ressaltar as marcas que muitas vezes são deixadas nos alunos de forma prejudicial na sua vida escolar e social, marcas essas que são consequências da postura que o professor mantém em sala de aula.

Alunos que têm o seu rendimento escolar baixo pela rigidez com que são tratados, que se sobressaem em algumas matérias e tantas vezes não conseguem assimilar outras, justamente pela falta de um educador que os desperte, que os motive na aprendizagem. Faça das palavras do grande mestre as minhas. Ou seja:

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele. (FREIRE, 1996, p. 89)

É importante lembrar que o comportamento intelectual é motivado pelas implicações afetivas, visto que a afetividade norteia o processo de aprendizagem. Muitas vezes, nós, educadores, não conseguimos nos colocar como sujeitos facilitadores de uma aprendizagem afetiva, positiva dos nossos alunos, baseando a educação no controle e desenvolvimento cognitivo, isolando ou não dando tanta importância à questão do desenvolvimento afetivo. Fica-nos clara a necessidade de construirmos um sistema educativo que supere a clássica

contraposição entre razão e emoção, cognição e afetividade, e que rompa com a concepção dissociada, relegando os aspectos afetivos e emocionais ao segundo plano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condição emocional da criança poderá favorecer ou prejudicar o aprendizado. O educador (a) deve ter como primeiro objetivo conquistar a confiança e o afeto da criança. Só assim, seu discurso será significativo, sua palavra despertará desejo de experimentar. Ele (a) precisa entender que o desenvolvimento cognitivo e afetivo precisam andar juntos, ou seja, a afetividade e a inteligência são aspectos indissociáveis.

Sendo assim, é preciso tecer uma ponte de afeto entre o educador e educando, para que o conhecimento possa transitar de forma harmoniosa, preenchendo lacunas que alimentam o interesse e estabelecendo uma via de mão dupla, em que professor e aluno partilham igualmente do prazer em cada descoberta e experiência que gera mudança em ambos.

REFERÊNCIAS

- BUENO, Francisco da Silveira. **Mini dicionário língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000.
- COSTA, Keyla Soares da. SOUZA, Rose Keila Melo de. O aspecto sócio-afetivo no processo ensino-aprendizagem na visão de Piaget, Vygotsky e Wallon. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=299:o-aspecto-socio-afetivo-no-processo-ensino-aprendizagem-na-visao-de-piaget-vygotsky-e-wallon&catid=4:educacao&Itemid=15 Acesso em: 19 nov. 2012
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LAPASSADE, Georges. **As microssociologias**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005 (pp. 69-108).
- PIAGET, Jean. & INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S/A, 1990.
- SOBRAL, Maria de Lourdes. A influência da afetividade no ambiente pedagógico. Disponível em: <http://veterinariosnodiva.com.br/books/afetividade-ambiente-pedagogico.pdf> Acesso em: 17 nov. 2012
- VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100012 Acesso em: 1 de novembro de 2014.